



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM DANÇA

ANNAIRA ETNA RODRIGUES DA SILVA



Belém/ Pará

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM DANÇA

ANNAIRA ETNA RODRIGUES DA SILVA

HONORATO URBANO:

A PERFORMANCE-RITUAL DO CORPO NA CORDA DA TRASLADAÇÃO DO CÍRIO
DE NAZARÉ

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Escola de Teatro e Dança da UFPA, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Dança, orientada pelo Prof^o Dr. Miguel Santa Brígida.

Belém/ Pará

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do ICA/UFPA, Belém-PA

Silva, Annaira Etna Rodrigues da

Honorato Urbano: a performance-ritual do corpo na corda da trasladação do Círio de Nazaré / Annaira Etna Rodrigues da Silva; orientador Prof. Dr. Miguel Santa Brígida. 2012.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Dança) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura Plena em Dança, 2012.

1. Etnocenologia. 2. Performance. 3. Círio de Nazaré – Belém - Pará. I. Título.

CDD - 22. ed. 792.01

ANNAIRA ETNA RODRIGUES DA SILVA

HONORATO URBANO:

**A PERFORMANCE-RITUAL DO CORPO NA CORDA DA TRASLADAÇÃO DO CÍRIO
DE NAZARÉ**

Esta monografia de conclusão de curso foi julgada adequada para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Dança e aprovada na sua forma final pela Universidade Federal do Pará.

Data da defesa: __/__/2012

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Miguel Santa Brígida
Orientador – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

Prof.^a Dr.^a Maria Ana Azevedo de Oliveira
Avaliadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

À Auzier Barros Rodrigues, avô materno (*in
memorian*).

À Iracema Pinto Rodrigues, avó materna (*in
memorian*).

À Inácio Fernando Sales Ribeiro (*in memorian*),
padrinho de batismo.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, a Deus que esteve comigo em todos os momentos, guiando meus passos, iluminando meu caminho e me protegendo durante a caminhada. Ele, que me deu forças quando eu mais precisei e me ajudou a levantar das quedas que levei.

Agradeço aos meus pais, Waldir da Silva e Ana Maria da Silva, por todo amor e carinho, por todo incentivo, por cada cobrança aos estudos, por todas as oportunidades concedidas, por cada esforço e por viverem este sonho junto comigo.

A minha irmã, Annalice Laeta Dickson, ao meu cunhado, Ricardo Dickson, por todo apoio e compreensão, e ao meu sobrinho e afilhado, Riann Dickson, por me renovar a cada encontro, dando-me força e esperança, mantendo-me cheia de perseverança para caminhar.

A todos os meus parentes que sempre me incentivaram. Em especial, minhas primas Mistyla Aviz, Adriana Arruda, Ana Rozeli Arruda e Fernanda Ribeiro, e as minhas tias Deusalina Rodrigues e Ana Célia Ribeiro que sempre me deram forças e bons conselhos.

À Universidade Federal do Pará, através do Curso de Licenciatura Plena em Dança, que possibilitou a concretização desta formação profissional. Sem esquecer os colegas de curso, professores, técnicos e funcionários da ETDUFPA, que contribuíram, de alguma forma, para esta formação.

A todos os professores da ETDUFPA, em especial a professora Maria Ana Azevedo de Oliveira, minha primeira professora de dança, em 1998, e aos professores Paulo Paixão, Ana Cristina Cardoso, Mariana Marques, Waldete Brito, Eleonora Leal, Jaime Amaral Éder Jaster e Inês Ribeiro que acompanharam todo o meu crescimento no mundo da arte, em especial da dança.

Aos professores que me proporcionaram grande conhecimento no Curso de Licenciatura Plena em Dança, dentre os já citados, aos professores Ana Flávia Sapucahy, Luiza Monteiro, Paulo Santana, Cláudia Palheta, Wlad Lima, Érika Gomes, Rosely Risuenho, Mayrla Andrade, Cesário Augusto, Paulo Lima, Douglas Dias, Marceone Corrêa e Saulo Siveira.

Ao meu querido e compreensivo orientador, Professor Doutor Miguel Santa Brígida,

cujo sempre estimulou minha pesquisa, me apoiou, me deu forças e me ensinou pacientemente. Por, em nenhum momento, me deixar desistir ou desanimar. Por todas as boas conversas que instigavam ainda mais meu interesse por esta pesquisa.

A todos os meus amigos que compreenderam e tiveram paciência durante todo meu processo acadêmico, pelas palavras de incentivos, pela força e por não me deixarem desistir em nenhum momento. Em especial, à Bárbara Dias, Higor Oliveira, Fladilson Vilhena, Wanessa Borges, Dielle Angelim e Natasha Pereira, que me acompanharam durante cada Trasladação, Lilianny Serrão, Thamires Melo, Renan Rosário, Antônio Cunha e Silvana Farias que estiveram sempre próximos de mim e à todos os que colaboraram, direta ou indiretamente, com minha pesquisa.

Ao meu querido Fabrício Corrêa, que sempre me deu forças, que esteve ao meu lado na corda, que compreendeu minhas ausências, meus estresses e que esteve perto de mim me apoiando e me incentivando em cada momento da realização deste estudo. À ele que nunca me deixou faltar segurança, carinho, atenção, ajuda e conforto, agradeço todo amor.

*“Terá que vir
Pra ver com a alma o que o olhar não pode ver
Terá que ter
Simplicidade pra chorar sem entender
Quem sabe assim
Verá que a corda entrelaça todos nós
Sem diferenças, costurados num só nó
Amarra feita pelas mãos da mãe de Deus...”*
(Eu sou de lá – Pe. Fábio de Melo)

RESUMO

Entrelaço a *performance* e a etnocenologia dentro do contexto da Trasladação do Círio de Nazaré, em peculiar da Corda, onde estudo a performance-ritual do “eu promesseiro” e a espetacularidade da corda, além de identificar os pilares epistemológicos da etnocenologia neste contexto ritualístico. Dessa forma, descrevo minhas experiências ao longo de três anos consecutivos enquanto promesseira desta corda, de onde parte esta pesquisa. Junto a essas descrições trago como base teórica os Estudos da *Performance* de Richard Schechner e a análise de Jorge Glusberg sobre *Performance*; da Etnocenologia de Armino Bião e sobre a Corda do Círio de Larissa Saré, entre outros teóricos fomentadores desta pesquisa. Por fim, afirmo o promesseiro enquanto *performer* e a espetacularidade dos corpos da Corda da Trasladação.

Palavras-chave: *performance*, “*eu promesseiro*”, *corda dos promesseiros e trasladação*.

ABSTRACT

Webbing and ethnoscenology performance within the context of the transfer of the Candle of Nazareth, in the peculiar rope, where the study of ritual performance-"I promesseiro" and the spectacle of the rope, and also identify the pillars of epistemological ethnoscenology this ritualistic context. Thus, I describe my experiences over 3 consecutive years while promesseira this rope, where part of this research. Along with these descriptions bring the theoretical basis as Performance Studies by Richard Schechner and analysis on Jorge Glusberg Performance of Ethnoscenology of Armindo Biao and the rope Círio Larissa Saré, among other theorists developers of this research. Finally, we affirm the promesseiro as performer and spectacle of bodies Rope of repatriation.

Keywords: *performance, "I promesseiro", string of promesseiros and translation.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O caminho do Honorato Urbano.....	13
Figura 2: Um pedaço do Honorato.....	15
Figura 3: O banho sagrado.....	20
Figura 4: A pele do Honorato Urbano.....	22
Figura 5: A pré-criação do Honorato.....	23
Figura 6: As grades da fé.....	25
Figura 7: Os guardas da Santa.....	25
Figura 8: A união pela força da fé.....	26
Figura 9: A dor de um abismo.....	27
Figura 10: A dimensão do espaço-ritual.....	31
Figura 11: A serpentiformidade no asfalto.....	32
Figura 12: A inserção do meu “eu promesseiro” ao coletivo da corda.....	36
Figura 13: O rastejo do Honorato sobre as ruas Belenenses.....	37
Figura 14: O descanso do Honorato.....	37
Figura 15: O andar artificial do Honorato.....	38
Figura 16: A dilatação do meu ser.....	40
Figura 17: A entrada perfeita.....	40
Figura 18: A base do Honorato.....	40

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	15
HORIZONTE TEÓRICO E METODOLÓGICO.....	17
1- DO RITUAL À PERFORMANCE.....	18
1.1- O CORPO: O ALIMENTO.....	19
1.2- O CORPO: A VESTIMENTA.....	21
1.3- O CORPO EM PERFORMANCE: AÇÃO, MOVIMENTO E GESTO.....	22
2- O PROMESSEIRO ENQUANTO <i>PERFORMER</i>.....	29
3- O CORPO TRANSITÓRIO.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

APRESENTAÇÃO

O estudo dar-se-á a cerca do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, grande manifestação religiosa em homenagem à imagem de Nossa Senhora de Nazaré encontrada às margens do igarapé Murutucú, no ano de 1700 pelo caboclo Plácido José de Souza, onde hoje situa-se a Basílica¹, na cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, hoje chamada apenas de Belém do Pará. Em 1792, o Vaticano autorizou a realização de uma procissão em homenagem à Virgem de Nazaré e em 1793, por intermédio do Presidente da Província, capitão-mor Dom Francisco de Souza Coutinho, o primeiro Círio foi realizado, oficialmente, no dia 8 de setembro de 1793, porém não havia data certa para a realização do cortejo que então, poderia acontecer entre os meses de setembro à novembro, bem como não havia horário certo, pois a mesma poderia ser realizada pela tarde e até mesmo durante a noite. Somente no ano de 1853, por intermédio das torrenciais chuvas, a procissão passou a ser pela manhã e apenas em 1901, por determinação do bispo Dom Francisco do Rêgo Maia, a procissão passou a ser realizada sempre no segundo domingo de outubro. A procissão, até o ano de 1882, tinha como ponto de partida o Palácio do Governo, porém, ainda em 1882, o bispo Dom Macedo Costa, em acordo com o Presidente da Província, Dr. Justino Carneiro, instituiu que a partida do Círio seria da Catedral da Sé, em Belém.

Atualmente o Círio é composto por onze romarias que percorrem quinze dias de manifesto religioso: o Traslado de Nossa Senhora de Nazaré ao município de Ananindeua, a Romaria Rodoviária, a Romaria Fluvial, a Moto-Romaria, a Trasladação, o Círio, a Cicloromaria, a Romaria da Juventude, a Romaria das Crianças, a Procissão da Festa e o Recírio. Em todas essas etapas, milhões de fiéis se espalham pelas ruas com homenagens, em agradecimento e devoção, esperando a imagem de Nossa Senhora de Nazaré passar, seja de manhã, a tarde, a noite ou até mesmo de madrugada. O Círio é realizado, em Belém, no segundo domingo de Outubro e reúne, cerca de dois milhões de fiéis em uma caminhada pelas ruas de Belém. Por sua grandiosidade, o Círio de Belém foi registrado, em setembro de 2004, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial. Mérito conquistado não só pela Imagem de Nossa Senhora de Nazaré, mas também pelo simbolismo da corda do Círio.

O percurso da Trasladação chega a 3,6 Km, onde Nossa Senhora de Nazaré sai do Colégio Gentil Bittencourt e segue pelas Avenidas Magalhães Barata, Nazaré, Presidente

¹ Basílica de Nossa Senhora de Nazaré: construída pelos padres Barnabitas, no início do Século XX, com a ajuda do povo do Pará, foi inspirada na Basílica de São Paulo, em Roma.

Vargas, Boulevard Castilho França, Portugal, Praça do Relógio até a chegar à Catedral Metropolitana de Belém.



Figura 1: O caminho do Honorato Urbano (Fonte: DIEESE/PA – diretoria da festa do Círio de Nazaré, Editado por Fabrício Corrêa)

Na minha infância, por intermédio dos meus pais, eu sempre assistia a passagem da imagem de Nossa Sr^a de Nazaré, em sua Berlinda, ou na Trasladação ou no Círio. Desde então, admirava a grandiosidade do Círio, mas principalmente os promesseiros que acompanhavam a procissão na corda por toda a fé, força e coragem em se entregar de tal forma a sua crença.

Tanta admiração e crença me levaram, por volta dos meus 13 anos de idade, a decidir que quando eu alcançasse um dos meus maiores desejos, que era passar no vestibular, eu iria acompanhar a procissão na corda da Trasladação para agradecer tal realização. Minha escolha pela Trasladação não foi por acaso, mas sim devido ao meu porte físico e ao pouco conhecimento a respeito do "ir" na corda, sabia que jamais conseguiria permanecer na corda do Círio, haja visto que há alguns fatores que determinam as diferenças entre a Corda da Trasladação e a Corda do Círio tais como a alta temperatura e a quantidade de promesseiros que são muito maiores no Círio e que é mais amena na Trasladação.

Com 18 anos de idade tive meu primeiro contato direto com os promesseiros da corda do Círio ao acompanhar e ajudar a família de uma amiga na promessa de distribuir água aos promesseiros da corda. Em 2009, já com 19 anos, passei no vestibular e tive minha primeira experiência como Promesseira da Corda na Trasladação, para cumprir minha promessa e

demonstrar minha devoção à Nossa Senhora de Nazaré, escolhi ir no "lado esquerdo da corda", ou seja, fui com a mão direita segurando a Corda dos Promesseiros, tal decisão foi por motivos físicos, pois, possuo mais força no meu braço direito, o que me ajudaria durante o ritual.

No ano seguinte, em 2010, fui novamente, mas desta vez não fui apenas como promessa, mas fui também como pesquisadora, na companhia da minha companheira da pesquisa Wanessa Borges, para um trabalho da disciplina Manifestações Espetaculares Brasileiras II, ministrada pela Prof.^a Dra. Maria Ana Azevedo no Curso de Licenciatura Plena em Dança da UFPA, este sim foi o divisor de águas para a realização desta pesquisa. O trabalho foi desenvolvido, inicialmente, a partir de um olhar artístico e observador a cerca das Cordas da Trasladação e do Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará, no entanto, para a presente pesquisa, decidi estudar o corpo que acompanha a procissão noturna - a Trasladação - na corda, tendo como base e princípio minha experiência enquanto promessa da corda da Trasladação, sendo assim, esta pesquisa norteará o meu "eu promessa". Este "eu" que passa por um ritual antes e durante a procissão, que passa por transformações perante as necessidades advindas do processo e/ou do próprio ritual e que acaba adquirindo um corpo transitório na corda da Trasladação.

O termo Honorato é proveniente da Lenda da Cobra grande que, segundo o folclore amazônico, uma índia engravidou da Cobra Grande e deu a luz gêmeos, Honorato e Maria Caninana, mas a índia não queria ter esses filhos e os jogou no rio, mas as crianças sobreviveram. Honorato era bondoso, mas Maria Caninana era perversa e em uma briga Honorato acabou matando Maria. Em noites de luar, Honorato transformava-se em um belo rapaz, para que o encanto fosse quebrado, era necessário que alguém jogasse leite na boca da Cobra Grande e ferisse sua cabeça até sangrar, foi então que um soldado de Cameté (município do Estado do Pará) livrou Honorato do encanto.

Assemelho a Corda ao Honorato (cobra grande), pois a Corda dos Promesseiros da Trasladação, além de ser noturna, é símbolo serpentiforme onde "o homem se revela, revestido pelo símbolo da serpente, em sua profunda cisão existencial entre o animal e o anjo (...) O homem crê na ascense como oposição à morte e rasteja no asfalto para merecê-la." (SARÉ, 2007, p. 436). Por ser uma "serpente" que anda pelo espaço urbano, se arrastando pelas ruas de Belém que realizo tal comparação e escolho determinado título.

Logo, a pesquisa norteará desde temas religiosos, tomando como princípio minha devoção a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, bem como temas artísticos onde sublinho a relação entre o meu "eu promessa", a performance-ritual e a etnocenologia. Desta forma, demonstrarei a verdadeira arte do "eu promessa" e o ritual espetacular que ele produz de forma não intencional, onde sua religiosidade é a verdadeira causa para a existência do espetáculo.

INTRODUÇÃO

A Trasladação ocorre na noite que antecede o Círio de Nazaré e faz o percurso contrário ao mesmo, tendo como ponto de partida o Colégio Gentil Bittencourt e como ponto de chegada a Catedral da Sé.

Neste traslado noturno da Trasladação, apenas há a Berlinda em destaque, diferentemente do Círio que existem vários carros e pelotões que acompanham a procissão. A cada ano, um número maior de romeiros acompanha a Trasladação, e assim como o número de romeiros cresce o de promesseiros na corda da Trasladação também aumenta. A corda, que até 2003 tinha o formato de U, onde as duas extremidades eram atreladas a Berlinda, a partir de 2004, por motivos de segurança ganhou formato linear.

A corda tornou-se um dos símbolos do Círio de Nazaré, pela sua grandiosidade e por também simbolizar a fé, as promessas e as graças alcançadas dos promesseiros. São 800 metros de corda (400 para a Trasladação, 400 para o Círio), 2 polegadas de diâmetro e aproximadamente 1200 kg (média de 600 kg em cada procissão) são carregados por milhares de mãos cheias de fé, coragem e gratidão.



Figura 2: Um pedaço do Honorato: a Corda subdividida em estações. (Foto: Fabrício Corrêa, 2012)

A corda dos promesseiros é uma relação humana desenvolvida em torno de um objeto ritual, a relação corporal estabelecida na mesma é descrita em termos de equilíbrio e movimento, onde o corpo é parte indissociável (SARÉ, 2007, p. 411). Enquanto promesseira da corda há 3 anos, posso reafirmar que esta relação humana se estabelece espontaneamente e

rapidamente, onde o objetivo de um só torna-se o objetivo de um todo, pois todos colaboram para que tal objetivo seja, cedo ou tarde, alcançado.

Com os anos pude observar muitas coisas, mas principalmente, ter experiências diversas, onde as mesmas me trouxeram a percepção do que é ou pode ser um promesseiro da corda. Logo, esta pesquisa visa a análise do meu corpo promesseiro, bem como o estabelecimento de parâmetros que identifiquem a performance-ritual e a vivência do corpo etnocenológico. Para isso compreenderei o processo ritualístico do meu corpo promesseiro da corda, bem como farei o reconhecimento do meu “eu promesseiro” enquanto *performer*, identificarei as mudanças corporais que este corpo sofre e ainda analisarei as técnicas que o meu corpo desenvolve durante o processo de entrar, permanecer e sair da corda da Trasladação. Neste sentido perpassarei os estudos a cerca da etnocenologia, da *performance*, do ritual e do próprio corpo, relacionando-os com as minhas vivências enquanto promesseira da corda da Trasladação e minhas vivências com a dança, não obstante deixarei a religiosidade de lado, sendo esta a essência deste estudo.

HORIZONTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Desenvolvida a partir de vivências e observações, a pesquisa parte do princípio da fenomenologia, “uma metodologia cujo objetivo é estudar, descrever e interpretar a essência de um fenômeno e como se manifesta ao seu observador” (Hursseul *apud* GRESSLER, 2003), desta forma eu observo o ritual que realizo enquanto promesseira da corda da trasladação de maneira distinta aos olhos de quem vê a procissão passar. Neste movimento faço uma relação entre a etnocologia e a *performance*, onde na primeira trago os Estudos de Armindo Bião (2007, 2009) e na segunda os Estudos de Schechner (2001 e 2003) e de Jorge Glusberg (2008), além de trazer os de Larissa Saré (2007) para apontar a performance-ritual na Corda da Trasladação.

A etnocologia possui 5 pilares epistemológicos: estados de consciência e de corpo, categoria de teatralidade e da espetacularidade, conceito de transculturação, idéia de matrizes culturais e definição de práticas e comportamentos humanos espetaculares organizados (PCHEO), (BIÃO, 2007), estes pilares me subsidiaram durante a pesquisa, ou seja, a partir destes conceitos faço a relação entre a etnocologia e a corda da trasladação, onde descrevo a relação de cada pilar com o contexto estudado.

No entanto, para compreender todo este processo, baseio-me não somente nos conceitos da etnocologia, mas também nos de performance, onde parto dos pensamentos de Glusberg (2008) e de Schechner (2003) pois ambos partem da ideia de que performance é proveniente de uma ação, porém as abordagens são diferenciadas e complementam-se, é justamente essa interrelação que trago no desenvolvimento da pesquisa.

Utilizo Saré (2007) para me embasar teoricamente à cerca da performance-ritual realizada pelo promesseiro da corda, desde sua chegada à corda até sua transformação de corpo como oferenda. Pois ela será meu alicerce para explicar minhas experiências enquanto promesseira da corda da trasladação.

Faço abordagem com a Fenomenologia como metodologia de pesquisa, estudando, descrevendo e interpretando o meu corpo de promesseira da corda. Logo, coletei os dados por meio de vivências, observações e registros fotográficos, sendo estes a melhor maneira de esclarecer visualmente, à você leitor, por isso trago ao longo desta escrita bastante imagens, algumas minhas, outras não, mas todas frutos de minha experiência enquanto promesseira da Corda da Trasladação. A observação também se faz primordial neste estudo, pois a comparativa entre os diferentes corpos dos promesseiros presentes na corda a cada ano do meu “eu promesseiro”, me ajuda a perceber de fora, o que posso não conseguir sentir estando na corda e assim percebê-las posteriormente em novas experiências.

1- DO RITUAL À PERFORMANCE

Antes de chegar ao ponto-chave, acompanhar a Trasladação na corda dos promesseiros, eu desenvolvo um processo natural de preparação para esse “estar e permanecer” na corda, processo este que ganha intensidade e maturidade a cada ano. Preparação que inicio muito antes de pegar na corda, mas desde o meu alimentar do dia que antecede a Trasladação, pois meu pensamento volta-se para o momento cujo demonstrarei minha devoção à Nossa Senhora e cumprirei minha promessa tornando meu corpo em *ex-voto*². Para isso é necessário que haja o que denomino de “ritual preparatório”, onde eu realizo um ritual antecedente a procissão, onde volto meus pensamentos e ações para o meu “eu promesseiro”, para a minha fé e devoção e para o ato de pagar minha promessa.

Para ser um promesseiro da corda não há exigências, apenas algumas recomendações e regras que não preexistem ao ritual, “eles derivam da necessidade de mobilidade e segurança e são criados *in loco*, sendo aceitos e praticados pelos Promesseiros da Corda de forma consensual”. (SARÉ, 2007, p. 418). Tais recomendações e regras não são seguidas à risca pelos promesseiros, mas influenciam diretamente no comportamento dos mesmos. As minhas vestes usadas no dia da procissão e a minha alimentação, a qual eu me atento em cuidar desde as vésperas da Trasladação, ambas influenciam diretamente no processo, pois os mesmos influenciam para a melhor desenvoltura dentro do ritual, haja vista que por ser uma procissão de longa duração e exigir muito esforço, o promesseiro da corda necessita de roupas confortáveis e de uma rica e saudável alimentação.

Meu ritual preparatório tem início dias antes ao dia da Trasladação, começo me organizando para o dia do traslado pensando sempre em com quem ir (amigos, parentes ou mesmo sozinha), onde irei ficar antes e após a procissão, pois como resido em cidade diferente da qual é realizada a procissão (na Região Metropolitana de Belém) fica difícil retornar para a minha residência, logo costumo ficar na casa de amigas ou afins; penso com que roupa usar no ritual, já que a mesma influencia direta e indiretamente no processo e penso como levar dinheiro e documento (elementos essenciais para o promesseiro, já que não dá para levar muita coisa), se os levo em um saquinho e os coloco dentro da roupa ou se dou para um(a) acompanhante levar consigo. Outros fatores básicos que me preocupam são a cerca da minha alimentação e vestimenta, portanto, abordarei sobre estes nos itens a seguir:

²Ex voto: símbolo oferecido à Santa.

1.1- O corpo: o alimento.

Não há nenhuma regra definida, mas, como disse anteriormente, existem recomendações que são aceitas consensualmente pelos promesseiros da corda, no entanto, nem sempre são seguidas. O consenso popular sugere que os promesseiros da corda se alimentem levemente, nada de refeições pesadas na noite de sexta-feira (dia que antecede o dia da Trasladação) ou em horas preliminares ao traslado, pois isso poderia ser um fator contra para a realização completa do ritual, ou seja, o promesseiro poderia sentir-se mal e ser obrigado a romper seu ritual, o que poderia causar “uma alteração no seu ‘estado de consciência’, analisado pela etnocologia”. (Bião *apud* MATTOS, 2007, p.105) afetando o seu racional e, principalmente, o seu emocional, já que para o promesseiro da corda o fato do rompimento no alcance de seu objetivo (ir na corda durante todo o trajeto concedido) torna-se um motivo para fazer um sacrifício ainda maior como forma de compensar a “não pagação” de sua promessa.

Apesar de o alimento ser um fator tão importante nas minhas vivências enquanto promesseira da corda durante três anos, inconscientemente, fiz diferentes preparações alimentícias. No primeiro ano (2009) minha alimentação antecedente ao traslado foi feijão, arroz, carne e farofa no almoço e no lanche pão com banana e suco; durante o traslado não ingeri qualquer alimento. No segundo ano (2010), tomei uma sopa acompanhada de um suco e, já na hora de seguir rumo à concentração dos promesseiros, tomei outro copo de suco; durante o ritual me “alimentei” com pedaços de chocolate, repondo parte da glicose em meu corpo; e no terceiro ano (2011) me alimentei com um pouco de feijão com arroz e frango mais uma tigela de açai³, além de levar uns salgadinhos e doces pra comer ou no caminho do local de concentração dos promesseiros e durante o traslado ingeri um pedaço de hambúrguer (que uma garota passou distribuindo para os promesseiros que estavam na corda) e alguns goles de Coca-Cola, o que não é proibido, pois o promesseiro tem livre arbítrio de comer durante o ritual, porém não é recomendável, pois o mesmo corre o risco de sentir-se mal ou mesmo, no caso de sair da corda em busca de subsídios alimentícios, perder o lugar na corda, logo muitos ou grande maioria dos promesseiros vão acompanhados por uma ou mais pessoas para ajudá-los durante o ritual religioso.

³Açai: Pequena fruta esférica nativa da região amazônica, especialmente do Estado do Pará. Habitantes da região a consomem como vinho puro ou com açúcar e/ou outros alimentos típicos.

“As recomendações e regras incidem diretamente sobre a roupa a ser usada e sobre o alimento na véspera ou durante o ritual – não é proibido ao promesseiro da corda, comer durante a procissão (...). Não se deve, diz o consenso popular, fazer refeições pesadas na noite da véspera ou nas horas que antecedem a procissão”. (SARÉ, 2007, p. 418-419)

O ritual de alimentação do meu “eu” promesseiro, não é apenas no alimento solidificado, mas na ingestão de água também. Esta, por sua vez, tem distintas formas de ser consumida durante o ritual: ou molhando o corpo para diminuir ou aliviar a temperatura e o abafado ou em pequenos goles consumidos em grande escala. Apesar de a água ser um elemento indispensável no decorrer do ritual, a mesma pode acarretar “problemas” ao promesseiro, pois quando é demasiadamente consumida pode encher demais a bexiga ocasionando, com a compressão do abdômen, um grave problema dificultando a retenção da urina, já o molhar do corpo também exige cuidados, mas com o volume de água e sim com a temperatura da mesma, já que, “ocorre de molharem os promesseiros com água gelada, o que, com a alta temperatura dos corpos, ocasiona um choque térmico” (SARÉ, 2007, p. 419). A água é um fator importantíssimo no meu ritual, pois a mesma além de saciar minha sede e refrescar meu corpo, parece limpar meu sistema respiratório, proporcionando-me a melhoria das vias respiratórias e condicionando o meu fortalecimento no ritual, mesmo com tanta compressão no abdômen e nos pulmões, “mas tais cuidados com a ingestão de líquidos e alimentos se relacionam também com a questão da continência” (SARÉ, 2007, p. 420), pois o esforço físico junto com a longa duração do ritual podem trazer problemas relacionados a higiene corporal, devido a fisiologia humana. Assim, a imagem a seguir mostra o momento de alívio que esta água proporciona aos Promesseiros da Corda, um momento puro de renovação.



Figura 3: O banho sagrado: a renovação de um ser. (Foto: Wanessa Borges, 2011)

1.2- O corpo: a vestimenta.

Distinguindo os termos “‘figurino’ e ‘vestimenta’”, onde o primeiro refere-se a uma roupa pensada e criada para um personagem, um roteiro, uma cena; já o segundo refere-se a tudo o que se possa vestir” (BUENO, 1996, p. 676). A partir de tais distinções, acredito que o termo “vestimenta” seja o mais apropriado para o estudo, haja vista que o meu “eu promesseiro” não é um personagem, mas sim um corpo que está ali apenas com vestes cotidianas para alcançar determinado objetivo.

Mais que uma preocupação comigo, no fator vestimenta também devo me preocupar com os promesseiros que estarão ao meu entorno (os que vão a minha frente e atrás de mim), pois dependendo do tecido usado todos podem machucar a pele ou mesmo o púbis ou o cóccix. O recomendável é que os promesseiros da corda utilizem roupas de malha, pela leveza e conforto e que os cabelos médios ou longos sejam amarrados com ligas de pano, no entanto, é expressamente proibida a utilização de calçados e de acessórios como brincos, piercings, cordões ou pulseiras, pois há um grande contato corporal entre os promesseiros o que, com a existência dos mesmos, ocasionaria hematomas e até mesmo feridas nos corpos em atrito. Para evitar estes atritos há quem leve novelo de lã, ataduras ou mesmo pedaços de panos para proteger pés e mãos, mas nada que dure por todo o ritual, já que o demasiado atrito junto ao suor e as águas jorradadas fazem com que as proteções se desprendam da pele e caiam, o que faz com que os corpos fiquem vulneráveis as lesões.

Um exemplo neste sentido foi o fato de eu ter sentido a dor que o *jeans* me causara no meu primeiro ano enquanto promesseira, pois me vesti com uma bermuda do dito tecido, o que fez meu púbis e meu cóccix ficarem intocáveis, além do osso esterno que fora machucado com o sutiã de aro de ferro. Por sua vez, no segundo ano sofri menos: fui com roupas totalmente de malhas, sem *jeans* ou detalhes de aço ou ferro, o que fez eu me sentir mais confortável e leve para seguir no traslado da corda. Porém, na minha última experiência até aqui, descobri que os comprimentos das roupas também influenciam para um melhor seguimento ou não no ritual. Pois, fui com um short de malha, ao invés de ir com uma calça, e tive minha pele da região coxofemoral assada, cujo as assaduras foram ocasionadas pelo atrito em longa escala de tempo com o tecido sintético da bermuda do promesseiro que estava a minha frente, o que me causou longas e graves ardências na pele, o que não ocorreu no ano anterior, já que neste eu estava com uma calça de malha, o que protegeu mais a minha pele.

A partir destas experiências pude entender melhor as recomendações referentes às vestimentas dos promesseiros, tais recomendações existem justamente para evitar pequenas e

até mesmo graves lesões nos corpos dos promesseiros da corda como assaduras e até queimaduras, pois a vestimenta do promesseiro da corda tanto pode protegê-lo como também pode ser a própria causadora das lesões. Na imagem, mostro a variedade de vestimenta usada pelos Promesseiros da Corda da Trasladação.



Figura 4: A pele do Honorato Urbano: o meu corpo revestido pelo corpo coletivo. (Foto: Wanessa Borges, 2011)

1.3 - O corpo da performance: ação, movimento e gesto.

Cada promesseiro tem sua maneira de agir ao chegar ao local de partida do traslado: uns conversam, outros apenas observam calados, uns já se firmam ao lado da corda (quando a mesma já está estendida no asfalto) ou no meio da rua (onde será estendida a corda), outros sentam-se as margens da avenida, outros rezam em grupos ou sozinhos. Durante três anos como promesseira da corda, tive diferentes modos de agir desde a minha preparação para o traslado (partindo de casa) até a chegada ao local de iniciação do traslado.



Figura 5: A pré-criação da Honorato Urbano: o estendimento do objeto-ritual. (Foto: Wanessa Borges, 2012)

2009 – A Promessa

Minhas ações estavam muito mais ligadas a minha preocupação em torno do processo, busquei focar-me sempre no princípio da ação: pagar minha promessa e demonstrar meu agradecimento à Nossa Senhora de Nazaré. Talvez tal preocupação também perpassasse o caminho da inexperiência, tanto minha quanto da minha acompanhante que escolhi não só por conta da grande amizade, mas pela disposição que a mesma demonstrou em me ajudar durante o processo, minha amiga Bárbara Dias.

Chegando ao local de partida da procissão encontramos alguns conhecidos e juntamo-nos à eles, observei o ritual dos guardas da santa: o modo de chegada, a maneira de tratar a corda e de estendê-la, a reza que eles fazem antes de estender a corda; observei o comportamento dos outros promesseiros: uns agem com intensa concentração, outros são mais descontraídos, uns rezam, outros conversam e até comem ou bebem, mas cada qual a sua maneira. Enquanto os observava, eu também tinha a minha maneira de agir (a observação era uma delas), após o estendimento da corda eu “guardei” meu lugar na corda como meio de me assegurar no traslado, passei pelo processo de aguardar a corda subir e pelo momento que eu mais esperava: o término da missa e o início do traslado.

A primeira sensação foi de total aperto e sufoco, meus pulmões comprimidos e o ar escasso, mesmo com o medo de não conseguir voltar para a corda não aguentei por muito tempo e sai. Após alguns minutos retornei, porém, pela falta de experiência, não me encaixei bem, a falta do encaixe perfeito me fez andar na ponta dos pés, esmagou minha bacia pélvica,

comprimiu ainda mais meus pulmões e me causou uma grande falta de ar, tanto que tive que pedir socorro para sair da corda e desmaiei. Fui parar num dos postos de atendimento da Cruz Vermelha⁴ e chorei por não ter conseguido cumprir minha promessa.

No entanto, não desisti. Esperei passar um determinado tempo e então retornei à corda e desta vez o encaixe foi perfeito, quadris devidamente encaixados, o que me fez permanecer até o final da procissão na corda. E um pouco antes deste término, vivi uma situação interessante, onde os corpos se uniram ainda mais para realizar uma única força, a corda começou a enrolar na descida da Avenida Presidente Vargas, isso “cuspiria” muita gente da corda, mas a união foi maior, enquanto uns seguravam a corda, outros seguravam nas mãos dos promesseiros que estavam em seus lados opostos. Eu mesma me segurei no promesseiro que estava em meu lado oposto, isso me ajudou tanto a permanecer na corda como também a normalizá-la. Ao fim do percurso da corda, fomos para perto da calçada, a colocamos no chão e a berlinda passou, enquanto a berlinda passava por entre a multidão, na corda as facas surgiam, de todos os gêneros e tamanhos elas iam tomando conta da cena, cada promesseiro tentando segurar o seu pedaço de corda. Os que conseguiam, logo saíam de cena com medo de alguém pegar o pedaço, outros lutavam para conseguir alguma coisa. Eu consegui o meu e saí de cena.

2010 – A desistência, o abismo

Neste ano uma nova sensação: sair descalça de casa e caminhar rumo a Nossa Senhora. Meu modo de agir também foi diferente do ano anterior, pois não guardei meu lugar na corda, também não vi o processo inicial dos guardas e nem estava na corda quando o ritual começou, no entanto, observei o agir dos outros promesseiros, suas posturas, o como fazer para entrar e sair da corda, os corpos dos mesmos durante o ritual e entrei na corda bem depois do início do ritual. Tal ano me trouxe experiências difíceis, porém inolvidáveis, pois presenciei situações cujo jamais imaginara viver como, por exemplo, estar debaixo das barras de ferro de uma estação, pois devido o rompimento da corda, então os guardas retiraram a estação por motivos de segurança e fluidez da procissão, e eu estava próxima ao acontecimento podendo, desta forma, viver este momento e registrando com a fotografia:

⁴ Cruz Vermelha: grupo de voluntários treinados para prestar serviços de primeiros socorros aos romeiros durante a Trasladação e o Círio.



Figura 6: As grades da fé: a estação da Corda carregada por guardas da santa e por fiéis. (Foto: Annaira Silva, 2010)

No entanto, esta não foi a única situação marcante, pois foi um ano bastante atribulado, desde o início do traslado a corda dava indícios ou de “fraqueza” ou de uma exacerbada quantidade de promesseiros já que a mesma arrebentou diversas vezes causando tumultos e desespero entre os promesseiros e guardas da santa. Apesar de tal atribulação, particularmente não encarei como um problema, mas como uma oportunidade de vivenciar algo novo, senti a necessidade de acompanhar o resgaste que os guardas, e até mesmo os próprios promesseiros, tentavam realizar na corda: amarrando outra corda a corda da Trasladação para que a mesma pudesse ser puxada, os nós feitos na tentativa de ligar uma corda a outra e a força e união dos promesseiros como demonstram as figuras seguintes:



Figura 7: Os guardas da santa: a entrega de um ser de fé. (Foto: Annaira Silva, 2012)



Figura 8: A união pela força da fé: as amarras da corda auxiliar. (Foto: Annaira Silva, 2010)

Meu olhar a cerca desses acontecimentos, me trouxeram mais entendimento sobre o corpo do promesseiro da corda, mas principalmente pude perceber o tamanho e força da fé dos promesseiros presentes na cena. Após tantas observações chegou o momento de vivenciar novamente o ritual do traslado: entrei na corda. Neste ano, até meu encaixe foi mais direcionado: procurei ficar sempre entre dois homens, pois o encaixe é melhor, pela diferença física dos corpos e pela estabilidade que o corpo masculino me proporciona, o que colabora para a permanência no ritual. Mas infelizmente sai diversas vezes da corda, ou por desencaixe e desconforto ou por ser cuspidada mesmo (jogada para fora da corda). Mas uma das vezes, ao invés de eu ser cuspidada, eu fui engolida, pois foi em um dos momentos que eu estava na corda e a mesma arrebentou.

Um verdadeiro sufoco ocasionado, me senti a beira de um abismo, sugada por um aspirador, pois uma força puxou, de uma só vez, todos os promesseiros para baixo, em um só ponto, fazendo com que uns se prendessem aos outros caindo em um só lugar. Mas não foi só isso, neste ano pude perceber que o encaixe não é perfeito apenas quando estou entre homens, mas também quando estou atrás de uma pessoa que tenha a altura aproximada a minha, pois a postura adquirida durante o ritual exige o apoio da cabeça no ombro do companheiro a frente. Tanto que minha última vivência de promesseira no ano de 2010 foi justamente essa: ir atrás de alguém mais alto que eu. Isso fez com que eu forçasse demais minha região cervical, ocasionando um grande torcicolo, tal dor me fez sair da corda e desistir antes do término do percurso, causando em mim uma enorme angústia e sensação de fraqueza e derrota, o que me fez chorar por um longo tempo. Lembro-me de olhar a imagem em sua berlinda, estender a mão em sua direção e pedir (silenciosamente) desculpas pela

minha fraqueza e pela sensação de dever não cumprido, de promessa não paga. A dor que eu sentia era muito mais espiritual que física. Na imagem, trago a emoção deste momento.



Figura 9: A dor de um abismo: a sensação de fraqueza e queda de um dever não cumprido. (Foto: Thainá Damasceno, 2011)

2011 – Ser o Honorato

Tive uma nova sensação vinda de um simples detalhe: sair de casa e ir descalça pegar o ônibus para chegar até o local da procissão. Este simples detalhe firmou ainda mais o papel do meu “eu promesseiro”, pois as pessoas que me olhavam afirmavam em seus olhares o prestígio, o desejo de boa sorte e a admiração pela minha decisão de ser promesseira da corda. Logo, observei melhor o meu corpo, o comportamento do mesmo, como ele agia, como ele atingia os outros corpos e como ele atingia o olhar dos outros, então percebi que a “teatralidade” se fazia presente, pois:

“Toda interação humana ocorre porque seus participantes organizam suas ações e se situam no espaço em função do olhar do outro. Assim, penso em todas as interações, as mais banais e cotidianas, nas quais, podemos compreender, todas as pessoas envolvidas, agem, simultaneamente, como atores e espectadores da interação”. (BIÃO, 2009, p. 35)

Tais observações trouxeram-me a percepção de que o meu agir enquanto promesseira é, de forma inconsciente, pensado para o ritual, preparado para a cena e objetivado para atingir todo o percurso. Meu corpo estava, assim como minha mente, voltado para o ritual do percurso da corda da transladação. Desta forma, fui em busca de observações mais contundentes a cerca do que eu estava pesquisando, como por exemplo, como o meu corpo se

transformava perante o ritual, como eu estava diante do olhar do outro e como eu afetava o mesmo.

Essas e outras respostas eu busquei durante todo o processo, com isso devo concordar com a Saré quando ela fala que “o Círio de Nazaré é uma festa espetacularmente vivida, todos os sentidos estão em ação, mas há um papel reservado à visibilidade” (2007, p. 415), sim, há mesmo, tudo está ao alcance de seus olhos: corpos suados, molhados por água mineral, ruas sujas de papéis, garrafas, copos, fogos de artifício iluminando o céu escuro. Os corpos estão envolvidos, ligados e em uma relação única de cultura e fé, socializando diversas sensações e dividindo a experiência única, que mesmo repetida a cada ano, não é a mesma: a de ser promessa da corda da Trasladação do Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Portanto, é pelas diversas ações que, eu enquanto promessa da corda, realizo a cada ano que faço a correlação do mesmo com a *performance* e também por toda a riqueza realizada no ritual.

2- O PROMESSEIRO ENQUANTO *PERFORMER*

Entre passos e demonstrações de fé, me inter-relaciono entre o céu e o inferno da corda da trasladação, entre o profano e o sagrado do ritual e entre o que é tradição e o que é novidade dentro da cultura. Portanto, eis que descrevi todos os rituais e experiências do meu “eu promesseiro”, para que haja o melhor entendimento da correlação que faço entre este “eu promesseiro” e a *performance*.

“O ‘ser’ performance é um conceito que se refere a eventos definidos e delimitados, marcados por contextos, convenção, uso e tradição. No entanto qualquer evento, ação ou comportamento pode ser examinado “como se fosse” performance. Tratar o objeto, obra ou produto como performance significa investigar o que esta coisa faz, como interage com outros objetos e seres, e como se relaciona com outros objetos e seres.” (SCHECHNER, 2003, p. 25)

De acordo com Glusberg “as performances trabalham com todos os canais de percepção. Elas são construídas sobre experiências tácteis, motoras, acústicas, cinestésicas e, particularmente, visuais” (2008, p. 71) e são justamente esses canais perceptivos que o promesseiro aguça durante o ritual, do sentir a corda, o corpo dos outros promesseiros, as dores, da água passando pelo corpo comprimido; do ouvir os cantos litúrgicos, os murmúrios de dores, os gritos de socorro da Cruz Vermelha, os pedidos de ajuda dos promesseiros; do ver as expressões de dores, de promessas realizadas, de agradecimento, de emoção; enfim, o “ver” e o “ser visto”, o “sentir” e o “ser sentido” são os principais fatores durante o ritual do meu “eu promesseira”.

Portanto “analisar *performance* é constatar a relação que existe entre: ser, fazer, mostrar-se fazendo e explicar ações demonstradas.” (SCHECHNER, 2001, p. 44), na Corda da Trasladação, o ser é a identidade do meu “eu promesseiro”; o fazer é a minha ação de ir na corda enquanto promesseira; o mostrar-se fazendo é minha vestimenta e meu ritual de promesseira; e o explicar ações demonstradas seria o motivo pelo qual me leva a estar na Corda da Trasladação.

Meu “eu promesseiro” percorre a procissão recebendo ações e produzindo ações. Ao entrar na corda, produzo ações próprias como também nos corpos mais próximos (provoco a força, a dor, o incômodo), ao estar na corda eu recebo as ações de quem está na corda, de quem entra e de quem ajuda os promesseiros da corda. Portanto, o meu “eu promesseiro” está em constante contato corporal, constante troca de informações e trazendo “a etimologia da palavra *performance*, esta significa execução, desempenho, realização, ação, capacidade ou habilidade, uma cerimônia, um rito, um espetáculo” (GLUSBERG, 2008, p. 72), desse modo,

o meu “eu promesseiro” desenvolve ações durante o ritual que vai desde o abanar-se ao entrar na corda, desde o beber água ao enxugar suas lágrimas e seu suor, todo o gestual do meu “eu promesseiro” transforma-se em algo maior e atraente aos olhos de quem vê.

Cada ação, cada detalhe dessas ações é recebida pelos espectadores de forma única e espetacular, logo percebemos a presença da espetacularidade onde, “derivada do vocábulo espetáculo, de origem latina, destinada a designar o que chama, atrai e prende o olhar” (Aurélio *apud* BIÃO, 2009, p. 35) como acontece na procissão, tudo atrai o olhar, tudo chama a atenção, desde a imagem de Nossa Senhora de Nazaré passando em sua berlinda como o pedido sofrido de um promesseiro da corda por um pouco de água, sua dificuldade de respirar, a multidão que passa pelas ruas, as homenagens prestadas, o grito da Cruz Vermelha pedindo passagem, tudo é atraente aos olhos de quem vê.

Vejo então a presença da “teatralidade”, onde, pois, “toda interação humana ocorre porque seus participantes organizam suas ações e se situam no espaço em função do olhar do outro” (BIÃO, 2009, p. 35), pois tudo está organizado para o olhar do outro, além mesmo de ser organizado pelos próprios princípios de cada promesseiro presente no local, por exemplo, o do “eu promesseiro” é a fé, o agradecimento e a promessa que o levaram a estar em determinado local e mais ainda, submetendo-se ao olhar do outro, seja este conhecido ou não deste “eu promesseiro”.

“As *performances* podem ocorrer em oito situações separadas ou sobrepostas: na vida cotidiana, nas artes, nos esportes e em outros entretenimentos populares, nos negócios, em tecnologia, no sexo, no ritual (sagrado e secular) e na interpretação” (SCHECHNER, 2001, p. 50), no entanto, a *performance* não é algo fechado a estas oito situações, logo, percebemos que estudar *performance* é algo bastante amplo. Porém, para o estudo do meu “eu promesseiro” enquanto *performer* percebe que cabe a situação da vida cotidiana (pela corporeidade em parte do ritual), de entretenimentos populares (pelo fato do estudo ser dentro de um contexto cultural paraense) e de ritual sagrado (pelo contexto religioso da Trasladação).

A *performance* do meu “eu promesseiro” está, integralmente, ligada a suas ações e seu comportamento que vão além do que se refere a algo cotidiano, meu corpo transforma-se em:

“Corpo-ritual espetacularizado, trazido para ser visto na rua, desfilando numa festa que é cortejo, ritual que é travessia do espaço urbano tomado pelo corpo. Vê-lo caminhar, parar, dançar a coreografia dos corais, vê-lo arrastar-se na Corda dos Promesseiros.” (SARÉ, 2007, p. 416).

Bião difere a espetacularidade de duas formas: espetacularidade substantivada e a adjetivada. “A primeira é manifestada através da arte do espetáculo, incluindo a encenação profissional,

manifestações espetaculares, espetáculos tradicionais, etc. A segunda, não almeja um evento cênico, mas algo que denote um aspecto espetacular, como rituais religiosos ou profanos, festas públicas e eventos sociais” (Bião *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 236). Logo, o ritual realizado na Trasladação do Círio de Nazaré pelo meu “eu promesseiro”, pode ser visto como ambas as definições diferidas por Bião, pois o mesmo está tanto no contexto de manifestação espetacular quanto no de ritual religioso e profano e de festas públicas. Pois, a Trasladação, bem como todas as romarias realizadas durante a Festa do Círio, são de cunho público, ou seja, não são direcionadas apenas aos católicos, mas a toda a população que se sente atraída seja por qual motivo for (religião, curiosidade, pesquisa, à trabalho, para apoiar os promesseiros, etc) aumentando ainda mais a dimensão da festa. Na imagem, mostro uma homenagem à imagem de Nossa Senhora de Nazaré realizada com fogos de artifícios.



Figura 10: A dimensão do espaço-ritual: os fogos de artifícios iluminam o céu sobre a berlinda e seus fiéis na Trasladação. (Fonte: <http://www.diarioonline.com.br/noticia-169816-.html>)

A Corda, objeto cujo meu “eu promesseiro” faz uma direta ligação corporal e religiosa, “é comparada a uma máscara” (SARÉ, 2007, p. 422), pois a corda impõe aos promesseiros um ritmo corporal, este ritmo provoca a coletividade do movimento e a máscara seria justamente essa coletividade, pois ela não é usada individualmente, o que tornaria o grupo num corpo uno. Porém, o promesseiro da corda precisa não apenas deste ritmo grupal, mas principalmente de equilíbrio, um fator fundamental para que a corda permaneça com o ritmo corporal em conjunto, pois há momentos cujo grupo perde este equilíbrio e tomba para os lados ou mesmo retrocede um pouco o percurso, fazendo com que haja a perda do movimento coletivo, logo do ritmo também.

Tal equilíbrio só é concebido graças aos grupos que acompanham a procissão ao lado da corda:

“É um grupo W de romeiros que permanecem ao redor da corda, composto por dois subgrupos: N, de pessoas que pretendem conseguir um lugar na corda ou que foram cuspidas por desencaixes dos corpos e esperam uma oportunidade de voltar a ela; Z, de pessoas que vêm especialmente para ajudar quem está na corda.” (SARÉ, 2007, p. 423).

Esse grupo possui o papel essencial de manter o equilíbrio da corda, isso ocorre porque as pessoas desses grupos seguram os promesseiros pelos braços, empurram seus quadris para evitar o desencaixe do mesmo, pegam água para o promesseiro q está na corda, o abana, empurram ou puxam os promesseiros na tentativa de contrabalançar os desequilíbrios e até mesmo tentar guiar os promesseiros com gritos de incentivos. Os grupos de apoiadores e de promesseiros que desejam entrar na Corda pouco se distinguem do grupo de Promesseiros que estão na Corda, dessa forma a única identificação da presença da Corda é a linearidade do amontado de gente caminhando sobre o asfalto quente e úmido, como se vê na imagem abaixo:



Figura 11: A serpentiformidade no asfalto: a linearidade de um povo de fé. (Foto: Annaira Silva, 2010)

Justamente esse grande contato que há entre os promesseiros, proporcionado por essa massificação de fé, que dá a Corda dos Promesseiros a ambivalência de um lugar, simultaneamente, sagrado e profano, de sacrifício e prazer, de resistência física e espiritual. Essas dualidades presentes na Corda dos Promesseiros não é algo pensado pelo meu “eu promesseiro” antes do ritual, mas algo sentido durante minha permanência na corda, pois apesar de sentir a dor do sacrifício, ao mesmo tempo eu sinto o prazer de estar realizando a promessa; ao cantar, rezar e de eu estar na corda por um ato de fé, também estou em

proximidade extrema com outros corpos, o que faz a profanidade da Corda dos Promesseiros, pois tal proximidade não convém às determinações eclesiásticas.

Acompanhar a Trasladação na Corda dos Promesseiros não é algo obrigatório, porém, existem vários motivos que podem levar um cristão a ser um Promesseiro da Corda. Saré traz a noção weberiana de ideal-tipo para explicar que “a condição de ritual coletivo implica uma ancoragem social, assim, fala sobre o pensamento de Weber sobre ação social” (2007, p. 427). Em linhas gerais, as ações sociais podem ser racionais, de fim ou de valor, ou irracionais (Weber *apud* SARÉ, 2007, p. 428-429). De certa forma, o ato de ir na Corda dos Promesseiros pode ser entendida como ação social tanto racional de fim e de valor, como irracional. Ação racional valorativa, porque o “eu promesseiro” está na corda pelo valor de uma graça alcançada, pela “dívida” que possui com a santa. Ação racional por finalidade, pois o ato de cumprir a promessa o trará a possibilidade de alcançar outras graças. E por fim, ação irracional já que esta é motivada por um afeto ou tradição, e o afeto foi um dos motivos que me levaram a ser Promesseira da Corda da Trasladação, além de minha fé a Nossa Senhora de Nazaré.

“A corda revela a interseção entre as dimensões individual e social, pois o pedido de quem paga a promessa é individual, mas o modo de pagar é o gesto coletivo” (Alves *apud* SARÉ, 2007 p. 432). Esta interseção traz, à quem vê a corda passar, a visão de solidariedade comunitária, onde as pessoas sentem-se instigadas a ajudar quem está na corda, ou mesmo os próprios promesseiros da corda sentem-se este estímulo, pois quando se está na corda e recebemos qualquer tipo de ajuda, sempre a compartilhamos ou com quem está a nossa frente ou atrás. Além de compartilharmos ajudas externas, vindas das pessoas próximas a corda, também compartilhamos ajudas internas, ou seja, há a tentativa de ajudar com perguntas do tipo “você está bem?” ou “você está respirando bem?”, “quer água?”, também há a ajuda física como, por exemplo, ajudar alguém entrar na corda, a ajuda ao encaixe perfeito, a não deixar que o outro promesseiro seja cuspidado da corda (só consigo realizar, diretamente, esta ajuda ao promesseiro a minha frente, ao promesseiro que está atrás de mim, só consigo pedir a ajuda de quem está fora da corda), portanto, apesar das pessoas não se conhecerem e de haver disputas por um lugar na corda, há o espírito solidário predominante entre os promesseiros da corda.

Todas essas práticas dos promesseiros se encaixam nas Práticas e Comportamentos Humanos Espectaculares Organizados (PCHEO) analisados pela etnocenologia, onde compreendem:

“Arte do espetáculo (engloba todo tipo de manifestação espetacular como o teatro, a dança, a ópera, as artes mistas [populares, tradicionais], etc.); ritos espetaculares (rituais, festas, eventos esportivos, políticos, religiosos, cerimoniais, etc.) e formas cotidianas (papéis e ações sociais reconhecíveis e interacionais assumidamente explícito em trajes, posturas corporais e verbais, etc.)” (Bião *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 228).

Em conjunto, os promesseiros da corda tornam a mesma em arte do espetáculo mista, por ser algo popular e por estar dentro da tradicional Festa do Círio de Nazaré; também a tornam em um rito espetacular, por todo o ritual que há em torno da corda e por ser um evento de cunho religioso; e apresentam formas cotidianas, pois os promesseiros da corda utilizam-se de trajes comuns e posturas verbais do dia-a-dia, no entanto, não afirmo que suas posturas corporais sejam cotidianas, pois o corpo do promesseiro da corda assume uma nova postura perante sua entrada na corda (Vide capítulo III).

Por essas diversas vertentes que eu considero que as ações do meu “eu promesseiro” sejam ações performáticas, onde ocorrem em torno de um objeto-ritual dentro de um contexto festivo religiosos, cujo são realizadas não diariamente, mas anualmente e que por sua vez exigem de mim preparo espiritual e resistência física. “A corda dos promesseiros é um ritual-poema no qual o corpo inaugura em si mesmo um tempo-lugar para que possa existir em *performance*.” (SARÉ, 2007, p. 439). É algo singelo e ao mesmo tempo grandioso, o espetáculo está nessa e nas diversas ambivalências que a Corda dos Promesseiros nos apresenta. O corpo do meu “eu promesseiro” se transfigura e se ressignifica, transformando-se em *ex-voto*, em própria oferenda, cuja dor já inexistente e o sentimento de promessa cumprida se exalta.

3- O CORPO TRANSITÓRIO

O corpo de um promesseiro da corda perpassa diversas posturas durante o ritual, além das técnicas que, muitas vezes, o próprio promesseiro não se dá conta que a realizam, uns sim, outros não. O promesseiro da corda possui uma “técnica corporal própria que está entre as técnicas corporais cotidianas e as técnicas comuns as artes da cena” (SARÉ, 2007, p. 418), tais técnicas não possuem nomenclaturas, porém, possuem explicações claras e são provenientes da experiência dos próprios promesseiros. No entanto, tais técnicas não dependem apenas desses fatores, pois “a postura do corpo deriva do encaixe, à altura do quadril, que deve ser perfeito tanto atrás quanto na frente” (SARÉ, 2007, p. 420). A perfeição do encaixe é primordial para o promesseiro que está na corda, pois sem ele o promesseiro tem duas opções: ser cuspidado da corda ou acompanhar o percurso com muita dor e com o corpo ainda mais comprimido.

Por muitas vezes consegui o encaixe perfeito, mas também já sofri muito por causa de um mau encaixe. Meu corpo ficou ainda mais comprimido, a respiração já quase não existia, o peso ficou ainda maior, a dor tomou conta do meu corpo, no entanto, ainda aguentei tudo isso por um curto espaço de tempo e isso só foi possível porque “flutuei”, ao invés de andar com os pés completamente no chão, tive que andar na meia ponta como se eu estivesse de salto alto. Meus pulmões e minha região pubiana estavam tão comprimidos que logo pedi ajuda para sair da corda e neste sair fiquei desacordada, quando acordei eu já estava deitada na maca da Cruz Vermelha a caminho de um dos postos de atendimento mais próximo. Isso ocorreu no meu primeiro ano enquanto Promesseira da Corda da Trasladação e, desde o ocorrido, percebi o quanto era realmente importante este encaixe pélvico entre os promesseiros, então passei a escolher melhor o lugar na corda e também a procurar o encaixe perfeito.

Considero o encaixe pélvico dos promesseiros como o responsável pela postura corporal dos promesseiros, mas há também uma grande influência da quantidade de promesseiros que estão na corda, portanto, é necessário que haja a sincronia dos passos para que este encaixe seja mantido, tanto atrás quanto na frente por todos os promesseiros. Na imagem, demonstro o encaixe e a influência produzida sobre a postura corporal.



Figura 12: A inserção do meu “eu promesseiro” ao coletivo da Corda: o encaixe pélvico e o surgimento de uma nova corporeidade. (Foto: Fabrício Corrêa, 2012)

A partir da imagem acima, analisemos três promesseiros: a moça de blusa amarela (promesseiro A), o “eu promesseiro” de blusa verde (promesseiro B) e o rapaz de blusa branca (promesseiro C). Ambos possuem grande aproximação na altura dos quadris, o que facilita no alcance do encaixe perfeito. Para explicar melhor este encaixe tomemos o promesseiro B, neste caso eu mesma, como referência. O promesseiro B está bem encaixado entre A e C, logo, o quadril de B está perfeitamente encaixado nas nádegas de A e o quadril de C está perfeitamente encaixado nas nádegas de B. É incrível que, quando um está desencaixado, todos sofrem com tal desencaixe, o que ocasiona um “efeito dominó”, ou seja, se há um promesseiro desencaixado, este passa seu desconforto para quem estiver atrás e a sua frente, o que faz que estes se sintam desconfortáveis e repassem esse desconforto também para quem estiver atrás e a sua frente e assim sucessivamente, logo, sente-se um desencaixe a

determinada distância da origem do mesmo e isso também ocorre quando alguém entra ou sai da corda.

Esses encaixes e desencaixes influenciam diretamente na alteração do equilíbrio corporal que, segundo o movimento da corda, Saré os dividem “em três variações: corda em movimento para frente, corda parada e corda em movimento para trás, neste caso em refluxo” (2007, p. 421). Ambas as variações modificam o corpo do promesseiro, pois o mesmo sofre alterações em sua postura a cada alteração no movimento da corda. Quando a corda movimenta-se para a frente, o corpo do promesseiro tende a inclinar-se para a frente fazendo com que o promesseiro se apoie nas costas do promesseiro a sua frente; quando a corda está parada, o corpo do promesseiro perde um pouco da inclinação frontal; e quando a corda está em refluxo, esta inclinação se inverte e ao invés do corpo se inclinar para a frente, o mesmo se inclina para trás, ou seja, o corpo cai sobre o corpo do promesseiro a suas costas. Este refluxo, geralmente, compromete o encaixe entre os quadris, provocando assim o desencaixe, pois os passos perdem a sincronia e logo o corpo perde o equilíbrio também. E entre um passo e outro, meu “eu promesseiro” vai se redimensionando, se recriando e se ressignificando. Demonstro estas alterações com imagens a seguir do meu “eu promesseiro”.



Figura 13: O rastejo do Honorato sobre as ruas Belenenses: o meu corpo no ritmo da Corda da Trasladação. (Foto: Fabrício Corrêa, 2012).



.Figura 14: O descanso do Honorato: a estagnação do ser na Corda da Trasladação. (Foto: Wanessa Borges, 2011).



Figura 15: O andar artificial do Honorato: o retroceder dos meus passos, o dobro do peso coletivo. (Foto: Natasha Pereira, 2010)

Meu corpo se redimensiona a partir do momento que entro na corda, este redimensionamento está relacionado à compressão e dilatação corporal sofrido. A compressão atinge o centro do meu corpo - tórax, abdome e região pubiana- e atinge um pouco a minha cabeça também. Tal compressão ocorre por causa da alta pressão do peso coletivo que ocorre sobre essas áreas do corpo, logo Saré afirma que “é preciso diminuir-se para tornar-se parte de algo maior” (2007, p. 424), ou seja, é necessário que haja esta compressão para que o corpo individual se adapte no corpo coletivo.

Já a dilatação ocorre sobre os membros superiores e inferiores. Apesar de existir pouquíssimo espaço entre a corda e o meu “eu promesseiro”, meus braços precisam se dilatar para que minha mão alcance a corda, isso ocorre principalmente no ato de minha entrada na corda, mas também ocorre durante o ritual, já que, em algumas vezes, a corda retrocede o percurso e enrola – como ocorreu em 2009 e 2012⁵ - dessa forma há uma necessidade ainda maior de dilatação já que pode haver a precisão de segurar não mais na corda, mas na mão do promesseiro que está do outro lado da corda, tudo isso na tentativa de esticar a corda, de não ser cuspidado da corda e de manter o máximo de equilíbrio possível, tanto individual quanto do coletivo.

A recriação do meu corpo está diretamente ligada ao encaixe do quadril e da cadência dos passos, o corpo recria-se na postura e na técnica de andar. Considero estas mudanças

⁵ 2012: meu 4º ano enquanto promesseira da corda da Trasladação, cujo não fez parte da análise do estudo.

como minha recriação corporal, pois, segundo Barba e Savarase “o *habitus* de o corpo estar reto enquanto caminha” (1995, p. 229), o que não é possível para o “eu promesseiro” já que este carrega não o próprio peso, mas o peso de algo maior, ou seja, do coletivo da corda. O encaixe pélvico permite o movimento da bacia, isto é, da caminhada. É a partir desse movimento que o “eu promesseiro” anda, o encaixe torna-se, por sua vez, a técnica do movimento.

A partir do redimensionamento e da recriação do corpo, o mesmo é ressignificado. SARÉ afirma que:

“O corpo transfigurado do promesseiro ganha uma dimensão simbólica. É um corporitual, um corpo transformado em outro pela alteração de seu equilíbrio, de sua forma, pela passagem de sua existência individual para uma existência coletiva. Adquire também uma nova função ao torna-se o meio pelo qual as promessas são pagas, o sacrifício físico inscreve-se nele. O corpo na corda adquire significado, torna-se símbolo da graça alcançada, como um *ex voto vivo*, seu sacrifício, mas que a dor e o desgaste físico, é a transformação.” (2007, p. 426)

Tal ressignificação está ligada não apenas pela transformação física que o corpo sofre, mas principalmente pela simbologia que o mesmo adquire. Transformar-se em *ex voto vivo*, ir até o final do percurso, doar-se, pagar a promessa, ser o símbolo da própria graça, tudo tende a ressignificar o corpo.

Este corpo perpassa por “técnicas – o uso particular do corpo” (BARBA; SAVARASE, 1995, p. 9) – corporais cotidianas e extra cotidianas, isso é visto de maneira clara pela postura adotada pelo “eu promesseiro” para o ritual, ou seja, para sua entrada e permanência na corda.

“A maneira como usamos nossos corpos na vida cotidiana é substancialmente diferente de como o fazemos na representação. Não somos conscientes das nossas técnicas cotidianas: nós nos movemos, sentamos, carregamos coisas, beijamos, concordamos e discordamos com gestos que acreditamos serem naturais, mas que, de fato, são determinados culturalmente.” (BARBA; SAVARASE, 1995, p. 9).

Tais técnicas corporais utilizadas pelo “eu promesseiro” foram aprendidas *in loco*, ou seja, aceita e praticada de forma consensual entre os promesseiros. Essas técnicas são, por exemplo, as praticadas para entrar na corda, onde deve-se primeiro passar o braço entre os promesseiros e depois encaixar o quadril e então entra-se na corda, assim como para andar e manter-se na corda, onde o joelho deve estar sempre flexionado e as pernas sutilmente afastadas, dessa forma há um apoio do corpo para que o mesmo agüente o peso coletivo. Nas imagens seguintes, mostro a busca por um lugar na Corda, onde meu corpo dilata-se para

entrar na Corda e fazer parte deste Honorato Urbano de fé.



Figura 16: A dilatação do meu ser: a passada do braço e o alcance da minha mão à Corda. (Foto: Fabrício Corrêa, 2012).



Figura 17: A entrada perfeita: a sincronização dos meus quadris ao corpo coletivo. (Foto: Fabrício Corrêa, 2012)



Figura 18: A base do Honorato: o alinhamento dos pés dos Promesseiros. (Foto: Wanessa Borges, 2011)

A cada ano as técnicas do “eu promesseiro” são aprimoradas, isto é, a cada experiência o corpo absorve mais a maneira de agir diante o ritual da Trasladação, no entanto, isso não

significa que esse corpo agirá do mesmo modo a cada ano, pois tudo dependerá do estado cujo espaço-ritual encontrar-se-á. Logo, o comportamento do “eu promesseiro” é restaurado, essa restauração comportamental surge a partir de combinações de comportamentos conhecidos.

“Os hábitos, rituais, e rotinas da vida são comportamentos restaurados. Comportamentos restaurados são comportamentos vivos tratados como um cineasta trata um pedaço de filme. Esses pedaços de comportamentos podem ser rearranjados ou reconstruídos (...) Eles têm vida própria (...) O modo como os pedaços de comportamentos foram criados, achados ou desenvolvidos, pode ser desconhecido ou oculto, elaborado, distorcido pelo mito ou pela tradição. Comportamentos restaurados podem ser longevos ou estáveis, como os rituais, ou efêmeros como um gesto de adeus” (SCHECHNER, 2003, p. 25)

O “eu promesseiro” não elabora suas técnicas nem seus comportamentos, mas sim, ele o recria a cada ano, a cada novo ritual, a cada nova Trasladação e a cada Nova Corda dos Promesseiros. Uma “formulação cultural, como um comportamento que foi estabelecido e perpetuado ao longo dos tempos, forjando, assim, uma noção prática (diríamos até corpórea) de identidade.” (BIÃO, 2007, p. 450). Algo ensinado e aprendido através de uma prática religiosa e cultural que transita corpo a corpo.

Movimentos simples que o corpo absorve e o recriam, ou seja, o “eu promesseiro” absorve uma cultura corporal, criada *in loco* há anos atrás e modificada a cada corpo passado, esta é adaptada ao corpo do “eu promesseiro”, recriada e repassada à outros promesseiros. O corpo do “eu promesseiro” é um corpo transitório que dança, ao som de vozes e da própria respiração, sobre o asfalto quente e úmido, sem um ritmo definido e nem uma coreografia ensaiada. Um corpo que transita entre a religiosidade e as artes do canto, da música e das belas homenagens prestadas Nossa Senhora de Nazaré.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com esta análise realizada, confirmo que o “eu promesseiro” traz consigo diferentes posturas corporais, mas nada que ultrapasse tanto suas linhas naturais de posturas. “A *performance* é um questionamento do natural e, ao mesmo, uma proposta artística.” (GLUSBERG, 2008, p. 58) e o corpo recriado do “eu promesseiro” torna-se artístico no seu fazer e no impacto provocado em quem vê este corpo, porém, o mesmo não deixa de ser natural e carregar consigo sua história.

Na Corda dos Promesseiros da Trasladação, a performance-ritual aparece por ser uma ação em torno de um objeto-ritual, ações corporais naturais e ao mesmo tempo espetaculares. “O ritual é uma purificação e sacralização de uma prática” (GLUSBERG, 2008, p. 79) e o “eu promesseiro” purifica sua prática no tempo em que esta é realizada numa festa religiosa e a sacraliza no tempo em que seu corpo encontra-se em grande proximidade corporal com outros corpos.

O ritual do “eu promesseiro” passa por três estágios: pré- ritual, onde há uma concentração voltada para o ritual; o ritual, onde o “eu promesseiro” realiza sua transformação corporal; e o pós-ritual, onde seu corpo já fora ressignificado em *ex voto vivo*, onde já há o sentimento de dever cumprido e de promessa paga. Tais estágios explicam melhor as transições corporais do “eu promesseiro”, “não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição”. (MAUSS, 1974, P. 217), ou seja, as técnicas corporais dos Promesseiros da Corda da Trasladação foram produtos de anos de rituais, cujo foram passadas de geração à geração, onde a cada ano esta técnica se readapta em cada corpo e se perpetua recriada.

“Na arte corporal e da *performance* a figura do artista é ferramenta para a arte. É a própria arte” (BATTOCK, 2008, p. 145), logo afirmo o “eu promesseiro” como o *performer* da própria arte, cujo seu próprio corpo é o veículo para a *performance*, assegurando assim o olhar do outro e espetacularizando o seu ritual.

“O performer e seu público se fundem num circuito tenso e flexível, através do qual a concepção programática do primeiro se converte em válvula receptora dos espectadores. Não é exagero dizer que esse relacionamento circular envolve uma inter-relação do sagrado e do profano, do natural e do cultural, do possível e do provável, sem qualquer solução encontrada em termos de finalidade ou continuidade” (GLUSBERG, 2008, p. 123).

Na Corda da Trasladação, o “eu promesseiro” interage com seus “companheiros de ritual” assim como com os seus espectadores. O “eu promesseiro” realiza a *performance* e, ao mesmo tempo, a observa e assim ele a modifica e a recria constantemente, sempre com

demonstrações de fé à Santa e de ações que busquem a realizar a promessa que o levou estar no ritual da Trasladação. Assim, o “eu promesseiro” vive uma emocionante dança sobre um rio de fé que encanta a quem a assiste; e assim, o “eu promesseiro” realiza ações que expressem sua arte e fé ao ritualizar seu corpo na Corda da Trasladação do Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

REFERÊNCIAS

- BARBA, Eugenio; SAVARASE, Nicola. **A arte secreta do ator: dicionário de antropologia teatral**. Campinas: Hucitec, 1995.
- BATTCKOCK, Gregory. A arte corporal. In: GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance** [Trad.: Renato Cohen]. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BIÃO, Armindo (org.). **Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia**. Salvador: P&A, 2007.
- BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador: P&A, 2009.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. Ed. rev. e atual. por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. São Paulo: FTD : LISA, 1996.
- CRUZ vermelha já treina voluntários para o Círio. Disponível em: <http://diariodopara.diarioonline.com.br/> Acesso em: 01/11/2012.
- GLUSBERG, Jorge. **A arte da Performance**. [Trad.: Renato Cohen]. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2003.
- MATTOS, Evaldo. Etnocenologia e psicanálise: um trânsito cenológico. In: BIÃO, Armindo (Org.). **Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia**. Salvador: P&A, 2007.
- MAUSS, Marcel. Noção de técnica corporal. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.
- MENDES, Nuno. **A lenda de cobra Honorato - Brasil (Norte)**. Disponível em: <http://contosdeadormecer.wordpress.com/2010/08/16/a-lenda-de-cobra-honorato-brasil-norte/> Acesso em: 01/11/2012.
- OLIVEIRA, Érico José Souza de. Um olhar sobre o fazer artístico do outro. In: BIÃO, Armindo (Org.). **Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia**. Salvador: P&A, 2007.
- SARÉ, Larissa Latif Plácido. Na corda dos promesseiros do Círio de Nazaré. In: BIÃO, Armindo (Org.). **Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia**. Salvador: P&A, 2007.
- SCHECHNER, Richard. **Estudos da performance**. Tradução: Miguel Freitas, London: Routledge, 2001.
- SCHECHNER, Richard. O que é performance?. **O Percevejo**, UFBA, Ano II, nº12, 2003.